

# CULTURA E ESPAÇO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

*CULTURA Y ESPACIO: UN DIÁLOGO NECESARIO*

*CULTURE AND SPACE: A NECESSARY DIALOGUE*

**DILL, FERNANDA MACHADO**

*Arquiteta e Urbanista, Me., Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, fernanda.dill@gmail.com*

**DORNELES, VANESSA GOULART**

*Arquiteta e Urbanista, Dra., Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, arq.vanessagorneles@gmail.com*

## RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que relaciona aspectos socioculturais do Povo Kaingang e suas representações do espaço arquitetônico da aldeia contemporânea. Para tanto discute conceitos de cultura, identidade, espaço arquitetônico, apropriação, apego ao lugar, percepção ambiental e comportamento socioespacial, com o objetivo de compreender quais são as relações construídas entre as bases da cultura Kaingang e o espaço arquitetônico da Aldeia Kondá, localizada no município de Chapecó, oeste do estado de Santa Catarina. Inicialmente é feita a contextualização da questão indígena no Brasil, chegando até a atual conjuntura catarinense e a Aldeia, objeto do estudo, posteriormente são apresentadas as características fundamentais da cultura Kaingang. A pesquisa é construída a partir de três etapas: (i) a aproximação teórica, que utiliza como técnica principal a pesquisa bibliográfica para contextualizar o tema e discutir os conceitos que norteiam as análises da pesquisa; (ii) o Estudo de Caso, que se utiliza das visitas exploratórias e do poema dos desejos como principais métodos de obtenção dos dados; (iii) a análise e discussão, que articula os dados obtidos e traz a reflexão crítica em torno da aldeia idealizada pela comunidade e do espaço encontrado atualmente. Os resultados da pesquisa, apontam para a representação das bases da cultura Kaingang no espaço da Aldeia, a influência das comunidades não indígenas do entorno e a complexidade desses assentamentos que, ao fazerem dialogar culturas diferentes, tornam imprescindível a compreensão sensível dessa estrutura espacial para que intervenções mais adequadas possam ser pensadas.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Kaingang; estrutura sócio espacial; arquitetura indígena; percepção ambiental.

## RESUMEN

Este artículo presenta los resultados parciales de la investigación que relaciona aspectos socioculturales del Pueblo Kaingang y sus representaciones del espacio arquitectónico de la aldea contemporánea. Para ello discute conceptos de cultura, identidad, espacio arquitectónico, apropiación, apego al lugar, percepción ambiental y comportamiento socioespacial, con el objetivo de comprender cuáles son las relaciones construidas entre las bases de la cultura Kaingang y el espacio arquitectónico de la Aldea Kondá, ubicada en el municipio de Chapecó, oeste del estado de Santa Catarina. En primer lugar se hace la contextualización de la cuestión indígena en Brasil, llegando hasta la actual coyuntura catarinense y la Aldea, objeto del estudio, posteriormente se presentan las características fundamentales de la cultura Kaingang. La investigación se construye a partir de tres etapas: (i) La aproximación teórica, que utiliza como técnica principal la investigación bibliográfica para contextualizar el tema y discutir los conceptos que orientan los análisis de la investigación; (ii) el Estudio de Caso, que se utiliza de las visitas exploratorias y del poema de los deseos como principales métodos de obtención de los datos; (iii) el análisis y discusión, que articula los datos obtenidos y trae la reflexión crítica en torno a la aldea idealizada por la ciudad la comunidad y el espacio encontrado actualmente. Los resultados de la investigación apuntan a la representación de las bases de la cultura Kaingang en el espacio de la Aldea, la influencia de las comunidades no indígenas del entorno y la complejidad de esos asentamientos que, al hacer dialogar culturas diferentes, hacen imprescindible la comprensión sensible de esa estructura espacial para que las intervenciones más adecuadas puedan ser pensadas.

PALAVRAS-CHAVE: Pueblo Kaingang; estructura socioespacial; arquitectura indígena; perception del ambiente.

## ABSTRACT

This paper presents the partial results of a research that relates sociocultural aspects of the Kaingang People and their representations of the architectural space of the contemporary village. In order to do so, it discusses concepts of culture, identity, architectural space, appropriation, attachment to the place, environmental perception and socio-spatial behavior, with the aim of understanding which are the relations built between the bases of the Kaingang culture and the architectural space of Aldeia Kondá, located in the municipality of Chapecó, western of Santa Catarina state. Initially the contextualization of the indigenous question in Brazil is carried out, reaching the present conjuncture of Santa Catarina and the Village, object of the study, later the fundamental characteristics of the Kaingang culture are presented. The paper is built from three stages: (i) The theoretical approach, which uses as main technique the bibliographic research to contextualize the theme and discuss the concepts that guide the analysis of the research; (ii) the Case Study, which uses the exploratory visits and the poem of desires as the main methods of obtaining data; (iii) the analysis and discussion, which articulates the data obtained and brings the critical reflection around the village idealized by the community and space currently found. The results of the research point to the representation of the Kaingang culture bases in the Village space, the influence of the non-indigenous communities in the surrounding area and the complexity of these settlements, when making dialogue different cultures, make a critical understanding of this spatial structure essential so that more appropriate interventions can be devised.

PALAVRAS-CHAVE: Kaingang people; socio spatial structure; indigenous architecture; environmental perception.

## 1 INTRODUÇÃO

As configurações espaciais construídas por um grupo cultural refletem o seu modo de viver e a forma como se relaciona com o ambiente que habita, seja ele natural ou construído. No entanto percebe-se um descompasso entre o espaço idealizado pelas comunidades e aquele real, no qual as relações cotidianas ocorrem. O presente artigo apresenta e discute os resultados de uma pesquisa que relaciona aspectos socioculturais do Povo Indígena Kaingang e as suas representações no espaço arquitetônico da Aldeia Kondá, tendo como base a organização espacial atual e a idealizada pelas crianças e professores da comunidade. Essa análise foi desenhada de forma interdisciplinar, integrando conceitos da Arquitetura, Antropologia, História e Psicologia Ambiental. Assim, as ideias de identidade, cultura e espaço arquitetônico, dialogam com os conceitos de apropriação, comportamento socioespacial, apego ao lugar e percepção espacial.

Na relação entre Espaço e Cultura que se pretende discutir, este estudo considera que os aspectos espaciais dizem respeito às tipologias arquitetônicas predominantes e o arranjo físico-urbanístico elaborado por determinados grupos sociais no território por eles ocupado. A estrutura sociocultural é descrita através da observação do modo de viver da comunidade, abordando as relações humanas e as práticas tradicionais.

A partir da múltipla possibilidade de abordagens da temática, e percebendo a importância da história dos povos nativos para a compreensão de sua atual condição no cenário local, esta pesquisa apresenta inicialmente a contextualização acerca do objeto de estudo. Com base nos referenciais teóricos das áreas de arquitetura, urbanismo, etno-história e antropologia, são discutidos os conceitos de cultura e identidade na perspectiva humana e espacial. Posteriormente é apresentada a pesquisa de campo, que enfoca análises resultantes da aplicação de dois procedimentos: as visitas exploratórias e o poema dos desejos, cujos resultados são interpretados com base nos referenciais já citados.

Nesse contexto o presente artigo tem como objetivo evidenciar aproximações e distanciamentos entre a configuração espacial atual e a idealizada, interpretando a relação entre as práticas culturais contemporâneas e os anseios por espaços que considerem este modo de viver específico.

## 2 A QUESTÃO INDÍGENA NO BRASIL E POVO KAINGANG EM SANTA CATARINA

Assim como no restante da América Latina, no Brasil a história dos Povos Indígenas é marcada pelo processo de exploração do europeu e a desconsideração dos conhecimentos nativos. Nessa perspectiva, as comunidades restantes são sobreviventes dos sucessivos massacres sofridos. Esse processo histórico, trouxe além da diminuição da população, a perda da autoestima indígena e da sensação de pertencimento no território brasileiro, o que diminui, inclusive, sua identificação diante dos órgãos de cadastramento.

Os Povos Indígenas estão presentes nas cinco regiões do Brasil, sendo a região Norte aquela que concentra o maior número de indivíduos. Quanto às etnias, de acordo com dados da Fundação Nacional do Índio - FUNAI (2010), em números absolutos o povo Tikuna, residente no Amazonas, apresenta a maior população. Em segundo lugar, ficou o Povo Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul e em terceiro lugar os Kaingang da região Sul. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) indicam a existência de 18.213 indígenas em Santa Catarina. Os 10.937 residentes em Terras Indígenas pertencem aos Povos: Kaingang (63%), Guarani (16%) e Xokleng (21%).

Sobre a distribuição comunidades indígenas no território Catarinense, Brighenti (2012) coloca que os Guarani se distribuem em 21 aldeias. Três aldeias partilham terras com outros povos. Os Xokleng, estão em apenas duas Terras Indígenas, por fim os Kaingang ocupam cinco Terras Indígenas e uma Reserva (Figura 01) e assim compõem a maior população indígena no sul do Brasil, com mais de 60 mil pessoas.

Os índios Kaingang habitam as regiões sul e sudeste do Brasil, desde o Estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul, fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê, e junto com os Xokleng, que habitam outras áreas deste estado, formam o grupo dos Jê-Meridionais (JUNIOR, 2010).

Os estudos de Tommasino e Fernandes (2001), realizados durante o século XX descrevem os Kaingang como um grupo primordialmente estabelecido a partir de uma organização social dualista, patrilinear, exogâmica e matrilocal. Isto é, existiriam dois grupos de linhagens de parentesco, transmitidas pelo pai aos descendentes, onde as alianças matrimoniais sempre se dão entre indivíduos pertencentes às metades opostas e após o casamento, o noivo vai morar com os pais da noiva.

No mito de origem coletado por Telêmaco Borba (1908) encontra-se uma versão resumida da cosmologia dualista Kaingang. Neste mito os heróis culturais Kamé e Kairu produzem não apenas as divisões entre os homens, mas também a divisão entre os seres da natureza. Desta forma, segundo a tradição Kaingang, o Sol



representa sobretudo a morada dos espíritos. É também da terra que vem o alimento e o remédio, é por onde as comunidades trilham seus caminhos e por isso tem tanta representatividade para no modo de viver Kaingang.

É evidente a diferença entre essa perspectiva de vida e a adotada pela maioria da sociedade nacional. As práticas tradicionais Kaingang, que revelam o respeito pelas experiências vividas e pela natureza, constituem-se na contemporaneidade como preceitos básicos de convivência e se fossem respeitados, poderiam servir de inspiração para a sociedade envolvente.

Além das relações entre si e com a natureza, a forma de ocupar o território que vai desde a organização do espaço da aldeia até o formato e os materiais empregados nas residências é outro fator importante para a caracterização do Povo Kaingang e representa igualmente uma possibilidade de aprendizado para a sociedade envolvente.

### 3 CULTURA E IDENTIDADE NA PERSPECTIVA HUMANA E ESPACIAL

Para iniciar a discussão sobre cultura e posteriormente relacionar o conceito com aspectos espaciais, cabe destacar que a humanidade reconhece há muito tempo, ou sempre reconheceu, diferentes modos de viver que coexistem em um determinado tempo e espaço.

A cultura, então, precisa ser pensada como uma questão de ideias e valores, uma atitude mental coletiva. As ideias, valores, cosmologia, princípios morais, modo de viver, organização espacial e estética, são expressos por meio de símbolos, caracterizando a cultura como um sistema simbólico (KUPER, 2002). Na mesma linha, Edward Tylor (1958), responsável pela primeira definição de cultura do ponto de vista antropológico, define cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética.

Na década de 1970 emergiram da comunidade científica outras tentativas de obter algum consenso sobre o conceito de cultura, entre as quais destaca-se o estudo relacionado a descrição das teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo, sistemas que servem para moldar as comunidades humanas à sua essência biológica, incluindo para isso, adequações nos modos de organização social e política e o emprego de novas tecnologias (KEESING, 1974).

A partir de inúmeras pesquisas etnográficas, expõe-se a complexidade das diversas culturas contemporâneas, que se entrelaçam e se obrigam a conviver, coloca-se então como objetivo de tal interação "[...] abrir espaço para futuros culturais, para o reconhecimento do que surge[...]" (GEERTZ, 2001, p. 31). Segundo ele, isto requer uma crítica de hábitos mentais e valores ocidentais profundamente enraizados. Kroeber (1949) faz inúmeras contribuições sobre a ampliação do conceito, superando as possíveis heranças genéticas e dando às pessoas o poder sobre suas ações, considerando que os seres humanos agem a partir de padrões culturais observados e aprendidos, trabalha a cultura como um meio de adaptação e, portanto, de transformação do meio em que vive.

A cultura pode ser considerada como um sistema complexo aprendido, no qual qualquer pré-disposição genética é superada pelas práticas vivenciadas e observadas cotidianamente. Percebe-se então a cultura como um potencial instrumento de identificação coletiva, onde o modo de viver de um grupo, estabelece fronteiras com outros modos de viver e essas interações produzem materialmente o espaço físico, reflexo e identidade do contexto cultural ao qual pertencem.

Este caráter de identificação coletiva ligado à cultura, faz com que a questão da identidade seja extensamente discutida, tanto na arquitetura e no urbanismo quanto na teoria social. Alguns arquitetos como Amos Rapoport (2005), Simon Unwin (2013) entre outros, questionam e discutem o quanto os produtos arquitetônicos e urbanísticos carregam uma identidade, que está, ou deveria estar intimamente ligada a de seus usuários e/ou a de seus projetistas, revelando o contexto cultural em que se encontram. Quando se fala de identidades culturais, na área da teoria social, autores como Stuart Hall (2005), Adan Kuper (2002), Zygmunt Bauman (2005) e Tomaz Tadeu da Silva (2000), por exemplo, discutem o conceito, e relacionam identidade e diferença na contemporaneidade.

As sociedades tradicionais têm veneração pelo passado, onde os símbolos são valorizados por conterem experiências de gerações e a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço (GIDDENS, 2002); dessa forma, a identidade de um povo está diretamente ligada à sua construção histórica. No entanto ao analisar sociedades modernas, o mesmo autor evidencia que as práticas sociais são constantemente alteradas e essas mudanças ocorrem de forma acelerada, virtualmente conectada e com descontinuidades aparentes no que diz respeito às relações pessoais. Percebe-se então que a categoria tempo constitui a identidade e produz

um parâmetro para que se possa olhar de onde vêm os principais fatores de identificação, sejam eles individuais ou coletivos.

A Pós-Modernidade (localização temporal) é questionada justamente pela crise de identidade que a envolve: "[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, agora estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado." (HALL S. , 2006, p. 7). O autor afirma que, em função da estrutura das sociedades pós-modernas, as identidades estão sendo descentradas, isto é, deslocadas e em alguns casos, fragmentadas. Essa constatação não pode, de acordo com o olhar desta pesquisa, ser entendida como um processo negativo, pois possibilita a construção de um mosaico identitário, no qual se identificam "as" e não "a" identidade, seja ela coletiva ou individual.

O tempo e a aceleração são pontos discutidos para a estruturação do conceito, a partir do momento que se observa a multiplicação dos acontecimentos nas sociedades modernas, na maioria das vezes não previstos por profissionais como economistas, historiadores ou sociólogos, mas inerentes à contemporaneidade (AUGÉ, 1994). Além disso, as categorias tempo e espaço, fundamentais para a compreensão da sociedade, de sua cultura e identidade, passam por um processo de superação. Observa-se um todo fragmentado, multifacetado e com possibilidades inesgotáveis de interpretações.

Nessa perspectiva, sugere-se o conceito de identidade sob rasura, no intervalo entre a imersão e a emergência, uma ideia que não pode ser pensada de forma antiga, mas que, no entanto, não pode sequer ser pensada sem antigas questões-chave. Na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas é que a questão da identidade aparece. O autor discute ainda o conceito de identificação, construído a partir do reconhecimento de características compartilhadas, que consiste em um processo de articulação nunca completado e está sujeita ao "jogo" da *differance*, que obedece a lógica do mais do que um, o fechamento e a amarração de fronteiras simbólicas e a produção do efeito de fronteiras. "Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui" (HALL S. , 2005, p. 106).

Nesse contexto justifica-se a escolha do o Povo Kaingang como objeto de estudo, pois estas comunidades indígenas, apesar de serem culturalmente diferenciadas, vivem muito próximas e se relacionam com as sociedades envolventes. Assim, é necessária a observação de características de identificação coletiva no que diz respeito aos grupos étnicos<sup>1</sup> e o quanto essas características ressaltam a diferença entre esse grupo e as sociedades do entorno.

A língua escrita e falada, os rituais sagrados, a organização dos casamentos, a educação diferenciada, entre outros fatores reforçam a sua afirmação enquanto grupo étnico. Os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com o objetivo de interação no sentido organizacional. As diferenciações culturais e étnicas não obedecem ao mesmo sistema diferenciador, tendo o conteúdo estrutural das dicotomias étnicas duas ordens: traços gerais representados como afirmação da identidade própria (vestimenta, língua, moradia) e padrões de moralidade (BARTH, 1998). Ao sentir-se membro de dado grupo, o indivíduo está sujeito aos julgamentos valorativos desse grupo.

A partir dessas regras que orientam as relações humanas, é fundamental a compreensão do papel do lugar, como palco dessas interações diversas e por vezes compostas e contraditórias. O lugar transcende as limitações do espaço geométrico, à medida que através de relações sociais, os grupos atribuem a ele valor (TUAN, 1983). Assim, na interação com o espaço, diferentes grupos étnicos constroem significações e relações, que podem, por influência do lugar amenizar ou reforçar tais fronteiras étnicas.

Na construção desses significados nasce a identidade do lugar. Em arquitetura e urbanismo, a identidade de lugar é definida como uma subestrutura da identidade pessoal que incorpora as cognições sobre o mundo em que os indivíduos vivem, contemplando as memórias, ideias, relações sociais, sentimentos, atitudes, valores e preferências acerca dos diversos ambientes em que estão inseridos (PROSHANSKY, 1983).

Os espaços arquitetônicos são fruto do contexto no qual estão inseridos, assim, para a proposição de qualquer intervenção, é necessário compreender aspectos do grupo envolvido, considerando os interesses e anseios das pessoas que o irão utilizar (RAPOOPOORT, 1971). Torna-se necessário colocar o usuário como protagonista do processo de definição do desenho arquitetônico, o que possibilita a criação de lugares apropriados e identificáveis (UNWIN, 2013).

A criação do lugar não é exclusividade do fazer arquitetônico ou urbanístico, pois as pessoas atribuem significados aos espaços ininterruptamente. No caso das comunidades Kaingang, verifica-se o protagonismo nas reivindicações não apenas pelo espaço, mas na participação no processo de desenho<sup>2</sup>, pautado pela intenção de fortalecimento cultural (DILL, 2016). Esses fatores facilitam a identificação do usuário com o lugar

e “[...] talvez a ideia da participação coletiva seja o aspecto mais importante de pensar na arquitetura e o urbanismo como identificação de lugar[...].” (UNWIN, 2013, p. 23).

Intervenções nos espaços de grupos culturais específicos, expressam inevitavelmente intenções, sejam elas sociais, políticas, culturais ou ambientais dos mentores do processo e, por isso, é fundamental que os protagonistas desse processo sejam pessoas da própria comunidade. Unwin argumenta ainda que a arquitetura é “influenciada pelas pessoas cujas atividades ela acomoda” (UNWIN, 2013, p. 25) e Rapoport (1971) reforça essa afirmação expressando que “os aspectos simbólicos, culturais e psicológicos podem ser, em algumas situações, tão ou mais importantes que os aspectos físicos” (RAPOPORT, 1971, p. 310).

Existe então uma relação entre os lugares e as identidades culturais dos grupos que os ocupam. É possível observar o espaço e perceber através dele a representação cultural de seu povo. Com um olhar sensível e cuidadoso, podem ser percebidas “marcas”, apropriações ou mesmo o abandono de certos espaços, e tais informações, podem contar muito sobre a história de uma comunidade ou sobre a lógica cultural que segue.

A partir dessa maneira de ver e interpretar a cultura e a arquitetura e o urbanismo resultantes dessas práticas, são pensadas as comunidades Kaingang contemporâneas, as características que as diferenciam da sociedade nacional envolvente e, principalmente, as que identificam formas de pensar o uso e as apropriações do espaço, com base em valores tradicionais e contemporâneos, construídos a partir das relações Inter étnicas. Nessa perspectiva, surge a possibilidade de pensar os espaços, livres ou edificados como comunicadores de um modo de viver, constituindo uma linguagem não verbal, mas espacial da cultura.

#### 4 METODOLOGIA

O Estado de Santa Catarina compreende cinco territórios indígenas demarcados com predominância do Povo Kaingang conforme exposto anteriormente. Por entender que os processos históricos de demarcação das áreas de terra e as práticas de apropriação desses territórios pelos indígenas interferem na configuração espacial resultante, foi escolhida para esta pesquisa a Aldeia Kondá.

A comunidade tem um histórico de ocupação do território que permeia a história da cidade de Chapecó. Das comunidades indígenas do estado é a que mais preserva valores tradicionais, como a língua e a subsistência através da venda de artesanato, além de não haver, até o momento, nenhuma pesquisa publicada que a tenha como foco. Localiza-se no interior do município de Chapecó, na Linha Água Amarela e engloba em torno de 600 pessoas. A população indígena Kaingang que constitui a Aldeia Kondá, foco deste estudo, habita o espaço que compreende atualmente o município de Chapecó, desde antes da configuração formal da cidade

As relações construídas historicamente entre brancos e índios antes da cidade, a redução do território indígena da aldeia à um local específico da cidade, configurando a comunidade como “Índios Urbanos” e a “Conquista da terra” que habitam atualmente, apresentam o trajeto dessa comunidade desde sua possível origem até a realidade observada e analisada no momento da pesquisa. Foram mapeadas mais de 120 famílias na área da aldeia, então estima-se que pelo menos 100 pessoas são envolvidas na pesquisa.

Para analisar de que forma a estrutura social Kaingang se manifesta no Espaço Arquitetônico da Aldeia Kondá relacionando a aldeia atual e a idealizada, optou-se pela abordagem qualitativa, centrada na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os estudos são estruturados em três etapas: (i) a Aproximação Teórica, baseada em pesquisas bibliográficas com o objetivo de contextualizar a pesquisa, compreender os temas que a envolvem e embasar a escolha dos métodos de coleta e análise de dados; (ii) o Estudo de caso, realizado para observação da ocorrência do fenômeno (relações entre o espaço arquitetônico e a estrutura social) em uma realidade delimitada; (iii) por fim, a Discussão e Síntese dos resultados, que apresenta a interpretação e sistematização dos conhecimentos acumulados no decorrer da pesquisa.

Para o Estudo de Caso foram elencadas duas estratégias para compreender a aldeia atual e a idealizada pela comunidade, são elas as visitas exploratórias e o poema dos desejos. As visitas exploratórias representam a primeira aproximação com o objeto de estudo e podem ser registradas através de desenhos, anotações e fotografias (REINGHANTZ et. al., 2008). Base da pesquisa exploratória, as visitas têm como característica segundo Theodorson e Theodorson (1970) o caráter preliminar na intenção de tornar-se familiar com objeto de estudo. O objetivo das observações feitas a partir das visitas foi conseguir a autorização para a realização da pesquisa, conhecer a aldeia e a comunidade e perceber alguns aspectos da cultura Kaingang.

Foram realizadas três visitas de cunho exploratório, nos meses de outubro e dezembro de 2015 e janeiro de 2016. A primeira visita, marcada com o Cacique em exercício para dia 10 de outubro de 2015, foi fundamental para explicar o estudo que pretendia ser realizado, conhecer os limites da aldeia e solicitar a autorização para o desenvolvimento da pesquisa. Na segunda visita, realizada dia 19 de dezembro, foi assinada a autorização formal da pesquisa e mais algumas pessoas da comunidade foram apresentadas e convidadas a contribuir. Nessa oportunidade foi realizado um passeio informal pela aldeia com objetivo de observar de modo sistemático a organização espacial e algumas interações sociais. Por fim, a terceira visita, em 26 de janeiro de 2016, possibilitou maior interação com a comunidade e a compreensão de aspectos fundamentais da estrutura social da aldeia. Os dados obtidos nas visitas exploratórias são tratados com base nos referenciais teóricos da pesquisa, principalmente ligados às técnicas de observação e análise do discurso dos participantes a partir dos temas e palavras levantamos com mais frequência. Essas informações contribuem na caracterização da cultura Kaingang e do espaço arquitetônico da Aldeia Kondá, além de auxiliarem para entender quais são as mudanças ocorridas no lugar em função do contato com o não indígena.

O poema dos desejos, desenvolvido por Henry Sannof (1991), consiste em uma dinâmica de grupo onde o pesquisador solicita aos usuários de um local que descrevam verbalmente ou expressem por meio de desenhos suas necessidades, sentimentos e desejos relativos ao edifício ou ambiente analisado. Este método foi utilizado com enfoque na Aldeia Idealizada, assim, apresentou-se uma ficha ao participante contendo uma frase aberta “Nossa aldeia ideal seria assim...” Os participantes foram convidados a responder de forma espontânea através de desenhos, escrita ou mesmo verbalmente. Participaram na dinâmica 74 moradores (70 crianças de sete a quatorze anos e 04 professoras da escola indígena) que expressaram seus desejos por meio de desenhos e palavras.

## 5 RESULTADOS

### *Delimitação e apresentação do campo*

As características espaciais observadas revelam que a construção do modo de viver Kaingang na contemporaneidade tem estreita relação com a interação com as comunidades não indígenas do entorno. A primeira espacialização dessa relação é identificada nas residências. A Aldeia Kondá possui três tipos predominantes de construção para moradia, casas de alvenaria, possivelmente construídas pelo governo devido ao padrão de forma e materiais (Figura 03a), casas de alvenaria herdadas pelos colonos (Figura 03b) que ocupavam a área antes da aldeia ser transferida e adaptadas ao uso atual e casas de madeira (Figura 03c), construídas pelos próprios indígenas com reaproveitamento de material obtido do desmanche de outras casas da comunidade.

Figura 03: Tipologia arquitetônica residencial da Aldeia Kondá



Fonte: Acervo próprio

Em todas as estruturas, há um espaço com fogo de chão, ou anexo à residência, ou a poucos metros de distância conforme mostra a Figura 04. Esse lugar é utilizado para a confecção do artesanato tradicional e possibilita também a reunião de pessoas da família para trocas intergeracionais que possibilitam a educação das crianças baseada em práticas culturais tradicionais.

Figura 04: Estrutura complementar à residência



Fonte: Acervo próprio

Através de conversas e da observação constatou-se que a fabricação de artesanato, especialmente cestarias, configura a principal fonte de renda da comunidade e abrange além da questão financeira, um aspecto de afirmação cultural. “*Nas cestas estão nossas metades e nosso jeito de viver*” afirmou um dos idosos que acompanhava o passeio pela aldeia.

Na escala urbanística, além das vias para veículos abertas pela prefeitura e sem muita manutenção, existem dezenas de caminhos alternativos, abertos ou na vegetação rasteira ou na mata, que permitem a ligação direta entre residências e agrupamentos de residências, possibilitando um trajeto mais curto entre elas. Ou seja, não existe uma relação direta entre a porta principal da casa e a via aberta para passagem de veículos como normalmente é observado nas cidades, as aberturas estão orientadas a partir da relação visual entre o grupo de residências, bem como as passagens para pedestres, abertas informalmente também com o objetivo de ligar estas casas. Nenhuma cerca ou delimitação de lote foi observada. Os caminhos alternativos passam muito próximos das residências de forma que é possível a visualização do interior da casa (Figura 05a). Os espaços públicos, como os campos de futebol (Figura 05b), o posto de saúde e a escola (Figura 05c) também não tem nenhuma delimitação ou restrição de acesso.

Figura 05: a. Caminhos alternativos / b. Campo de futebol / c. Escola



Fonte: Acervo próprio

A área de início da aldeia apesar de não ter nenhuma barreira artificial, é demarcada pela presença de três pinheiros e torna-se notável a diferença da organização do espaço, dentro e fora da aldeia. Em algumas residências, observou-se a construção de uma garagem, visivelmente adaptada posteriormente a construção da casa. Dois campos de futebol de terra foram localizados na aldeia, uma pequena mercearia, três igrejas evangélicas e a presença dos rádios e televisores nas residências. Outro fator que pode ser atribuído à influência não indígena é a grande quantidade de lixo, especialmente plástico e embalagens metálicas no entorno das residências, haja vista a não utilização do plástico e nem de embalagens para a alimentação tradicional da comunidade.

Na sociedade Kaingang os papéis sociais são definidos de acordo com o gênero e a idade. Apesar dos homens adultos, entre 30 e 50 anos, ocuparem majoritariamente os cargos de liderança, evidencia-se que as mulheres e idosos têm papel fundamental na educação das crianças e na manutenção da cultura. Assim, por exemplo, na Aldeia Kondá um dos anciãos (com 70 anos) é considerado “braço direito” do cacique e a Vice-Cacique, é mulher.

As crianças indígenas não se aproximaram espontaneamente em nenhum momento. Elas observavam de longe. Algumas olhavam diretamente, em alguns momentos esboçavam sorrisos, mas não estabeleceram nenhum contato verbal. Essa atitude pode ser explicada pelo sentimento de receio quanto às pessoas não indígenas, resultado do desrespeito e preconceito sofrido na relação com a sociedade envolvente. Em muitos

momentos foi levantada a questão e a vontade de reconquistar um espaço digno na sociedade. *“Eles olham a gente de cima pra baixo, e isso tá errado. Aquela terra toda era nossa casa!”* comentaram especificamente alguns participantes, sobretudo com relação ao modo como são tratados quando vão até o centro da cidade para vender artesanato.

Ainda sobre essa relação, uma das lideranças políticas da comunidade ressaltou:

“Só por que a gente não vive só em função do dinheiro, eles acham que a gente não trabalha, que somos vadios, e não é assim. A gente faz pro dia, não pra acumular”.

O depoimento referia-se ao modo de viver Kaingang, que não objetiva o acúmulo de alimento, bens ou riquezas, mas produz o que é necessário para a subsistência em um curto período de tempo. Acredita-se que em função dessa filosofia de vida, não foram observados locais de armazenamento nas residências, nem de roupas e objetos e nem de alimentação.

As lideranças, e especialmente pelas pessoas com mais idade, abordaram a preocupação com a perda dos valores tradicionais Kaingang, sobretudo em função das crianças e adolescentes terem contato com a cultura não indígena, especialmente através do uso de celulares e por meio da programação da televisão, fazendo com que muitos aspectos culturais percam força, de modo que cabe aos mais velhos a tarefa de contar as histórias do passado e ensinar práticas culturais. *“Mas não é fácil, os mais novos não se interessam mais pela cultura. Eles querem ficar no celular e não no meio do mato”*, ressaltou um dos anciãos da comunidade quando falava sobre a importância de se respeitar e valorizar a cultura, as metades tribais, a forma de caçar e o respeito com a natureza. A Figura 06 relaciona os aspectos mais relevantes observados nas visitas exploratórias e caracteriza as práticas espaciais do modo de viver Kaingang.

Figura 06 - Síntese das visitas exploratórias

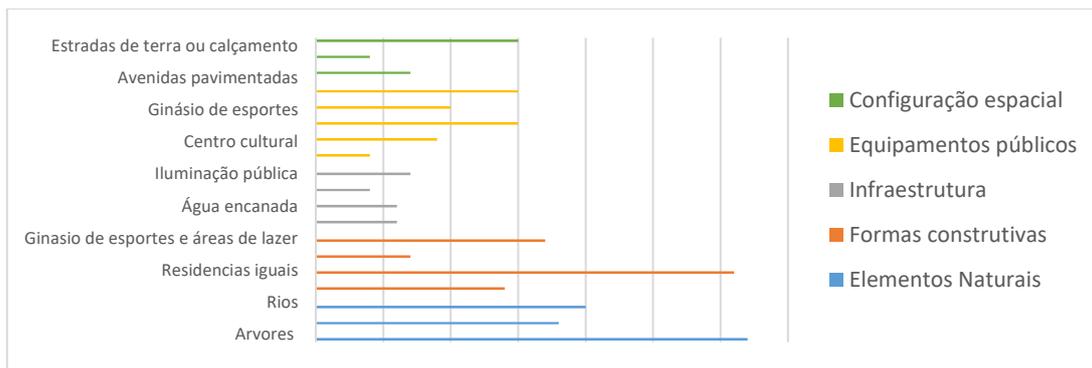


Fonte: Elaboração própria

Conforme ilustrado, a demonstração da cultura Kaingang e a forma como a comunidade se relaciona com o espaço da aldeia está vinculada ao artesanato de subsistência, à presença do fogo de chão e a noção de coletividade em detrimento do individualismo. As estruturas anexas e os caminhos alternativos espacializam a necessidade prática do artesanato resgate da tradição e afirmação as metades tribais, é evidenciado o respeito pela natureza, provedora da matéria-prima e do alimento e a necessidade de espaços destinados à interação coletiva principalmente entre gerações para a perpetuação da cultura por meio do compartilhamento de histórias.

Para compreender o imaginário da aldeia idealizada pelos indígenas foi elaborado o gráfico (Figura 07) que apresenta os elementos que mais apareceram nos desenhos e relatos, categorizados em elementos naturais, formas construtivas, infraestrutura, equipamentos públicos e configuração espacial. Destacam-se a presença das residências que seguem a mesma tipologia arquitetônica, que revelam o sentimento de igualdade entre as famílias, e os elementos naturais.

Figura 07 – Gráfico dos dados obtidos com o Poema dos desejos



Fonte: Elaboração própria

Alguns desenhos apresentarem clara influência da sociedade não indígena, ilustrando prédios, avenidas e supermercados como mostra a Figura 08. **Autoreferência de indicador não válida.**

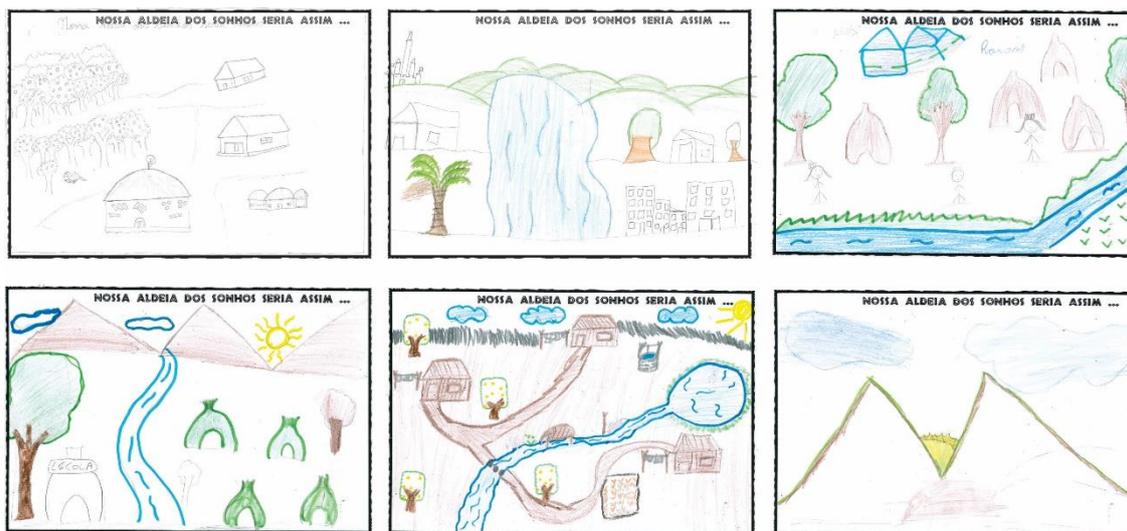
Figura 08 - Poema dos desejos - Influência não indígena



Fonte: Acervo próprio

As ilustrações, que aparecem em maior número, estão diretamente ligadas à cultura, afirmando a relação com a natureza, através da presença de árvores, de animais nativos e rios, alguns exemplos estão representados na Figura 09.

Figura 09 – Poema dos desejos - relação com a natureza



Fonte: Acervo próprio

Outro aspecto também observado na Figura 09 é a presença de tipologias construtivas baseadas no saber fazer tradicional ou em elementos da natureza para as edificações de uso público. Para as residências, a

maioria dos desenhos sugere uma habitação simples, de forma e tamanho homogêneos na comunidade, o que traduz o sentido de coletivo, de igualdade entre os membros da aldeia.

Nos desenhos ainda fica evidente a necessidade de infraestrutura básica, sobretudo ligada à coleta de lixo, saneamento básico e iluminação pública. Em 20 desenhos, a figura da nova escola aparece com bastante destaque, assim como o centro cultural pretendido (que terá formato de chapéu), o ginásio de esportes e uma área de lazer aberta, com ampla ligação com a natureza.

Por fim, ao analisar a configuração espacial, percebe-se a sugestão de estradas retilíneas e amplas, ligada à organização da aldeia e à maior facilidade de deslocamento, no entanto, ainda a preferência é por estradas de terra ou calçadas em detrimento das vias asfaltadas. A Figura 10 ilustra os aspectos mais relevantes observados no Poema dos Desejos.

Figura 10 – Síntese Poema dos desejos

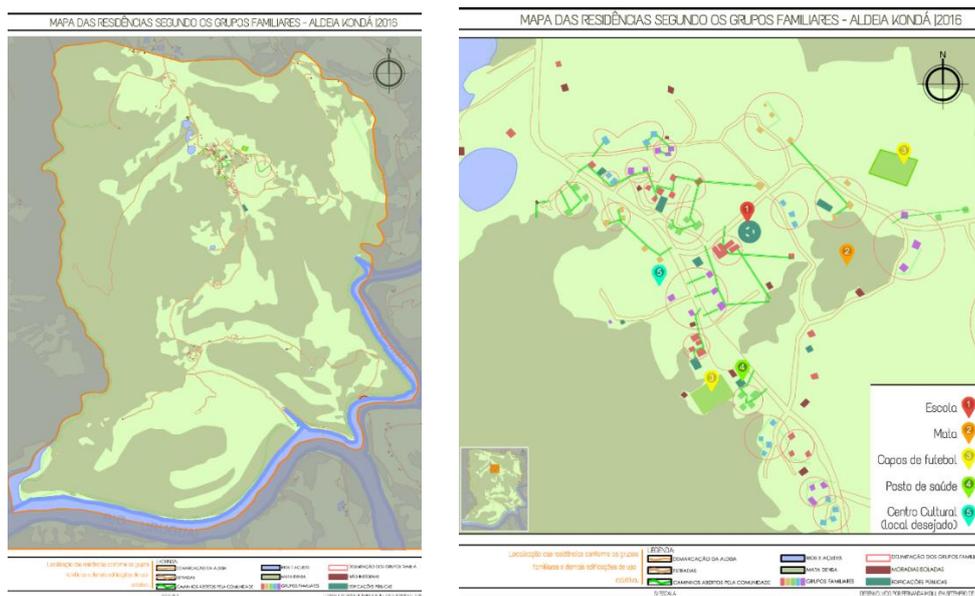


Fonte: Elaborado pela autora

**Síntese gráfica da experiência de campo**

Com base nas informações advindas tanto das pesquisas bibliográficas quanto das visitas exploratórias e do poema dos desejos, e em constante validação com a comunidade da Aldeia Kondá foram desenvolvidos os mapas da aldeia atual (Figura 11) e idealizada pela comunidade (Figura 12):

Figura 11 - Aldeia atual

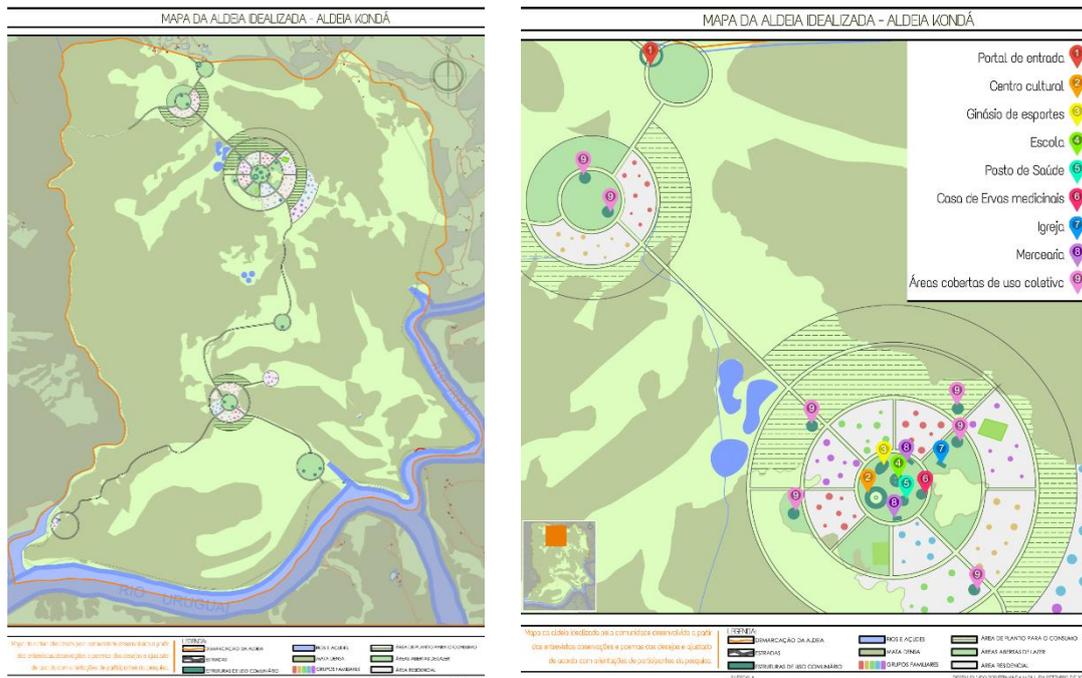


Fonte: Elaboração própria

Na aldeia atual, os caminhos alternativos indicam a presença dos grupos familiares, pois os mesmos se configuram em função da proximidade das casas e fazem a ligação entre as áreas de uso coletivo da comunidade.

O mapa da Aldeia idealizada, **Erro! Fonte de referência não encontrada.** foi construído com base nas informações extraídas das entrevistas, das visitas exploratórias do poema dos desejos. Após a primeira espacialização, o desenho foi mostrado aos colaboradores da pesquisa que expressaram sua opinião fazendo pequenos ajustes, e gerando a representação a seguir.

Figura 12 – Aldeia idealizada



Fonte: Elaboração própria

Na ampliação da escala do mapa, percebe-se a busca da comunidade por equilíbrio entre a cultura tradicional e as novas tecnologias apresentadas pela sociedade não indígena.

- O ponto 1 do mapa, Portal de entrada, representa além da entrada da aldeia, que segundo a comunidade deve ser produzido com uma arquitetura que contemple especificidades culturais e apresente referências às metades tribais, ao artesanato e ao modo de viver Kaingang, possibilita o controle de acesso e aumenta a segurança para a comunidade.
- O ponto 2, Centro cultural, é uma dos maiores anseios da comunidade e foi pensado de forma a abrigar diferentes atividades, desde a fabricação coletiva do artesanato, constitui-se como um ponto de venda, centro de formação dos professores indígenas, além da realização de eventos culturais e palestras Inter étnicas com o objetivo de informar sobre a cultura Kaingang e, através disso, conseguir maior respeito da comunidade não indígena.
- O ginásio de esportes, ponto 3, também chama a atenção não apenas pela função, que é fundamental para a prática esportiva, mas principalmente pela arquitetura diferenciada idealizada pela totalidade nos entrevistados. Possivelmente em função de uma referência trazida pelo ginásio de esportes construído na Aldeia Sede da Terra Indígena Xapécó (figura 13), a comunidade da Aldeia Kondá, idealiza um ginásio no formato de um Tatu, fazendo uma referência ao animal e a importância da natureza no centro da aldeia.
- A Escola, ponto 4, foi inaugurada a menos de um ano. Nos desenhos, mantida no local atual, com a mesma arquitetura, sendo sugeridas apenas modificações de alguns materiais internos, por exemplo a substituição de piso cerâmico por madeira e forros de P.V.C por esteiras de taquara. Neste caso, por se tratar do desejo da comunidade, cabe registrar que o anseio é pelo equilíbrio entre aspectos construtivos indígenas e não indígenas.

- Os pontos 5 e 6, posto de saúde e casa de ervas medicinais, se complementam e sugerem o uso tanto da medicina não indígena quanto dos conhecimentos tradicionais dos remédios do mato. A comunidade acredita que essas duas formas de “curar” possam trabalhar de forma complementar a fim de beneficiar a comunidade.
- As igrejas, especialmente as evangélicas, são presentes na comunidade desde a sua saída no centro da cidade e têm um papel importante de combate ao alcoolismo, por isso, mesmo sendo clara influência não indígena, continua presente na aldeia idealizada. Outra edificação com características não indígenas é a mercearia ou ponto de comércio, representada pelos dois pontos de número 8. A comunidade coloca a necessidade de alguns produtos industrializados para o consumo ou mesmo para o cultivo dos alimentos e a dificuldade de acesso em função da distância do centro do município.
- As estruturas de número 9 representam áreas cobertas de uso coletivo e não tem uma restrição quanto as atividades que podem se desenvolver nesse espaço. Pelas práticas observadas na aldeia, as estruturas servirão tanto para alimentação coletiva e práticas de lazer quanto para a fabricação ao ar livre do artesanato.

Figura 13 – Ginásio de esportes da Terra indígena Xapecó



Fonte: Acervo próprio

Alguns anseios pensados para a aldeia idealizada não puderam ser visualizadas na espacialização em função da escala ou da impossibilidade de representação, mas são igualmente importantes: as vias idealizadas são de calçamento e não asfaltadas com o objetivo de reduzir a velocidade dos carros no interior da aldeia sem perder qualidade no percurso, medidas abrangentes de saneamento básico são elencadas como fundamentais, os moradores sugerem iluminação pública não apenas nas vias, mas entre as residências, de forma que os caminhos criados pela comunidade possam estar sempre iluminados e seguros.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada ser humano enxerga o mundo a partir de sua “lente”, isto é, de suas experiências e da bagagem cultural e intelectual que carrega. Assim, a formação da imagem mental dos lugares está ligada tanto a fatores espaciais quanto aos significados que são atribuídos por cada ser humano a essas formas em nossa mente. Para captar a ou as imagens da comunidade estudada é necessária a percepção simultânea de diversos aspectos socioculturais e espaciais para que se possa enxergar o Todo constituído por individualidades e coletividades, tradições e contradições que se complementam.

Nessa perspectiva, cabe retomar um preceito tradicional Kaingang, o da complementaridade. De acordo com ele, todos os seres da natureza, humanos e não humanos, se dividem em metades (Kamé e Kairu) que ao mesmo tempo que são opostos, se complementam.

Após as observações e reflexões realizadas na pesquisa, percebe-se que uma nova ordem complementar pode estar se estabelecendo entre o mundo indígena e o não indígena, onde superadas as relações de exploração e desrespeito, cada povo contribui com sua “bagagem” para equilibrar a vida do outro povo. A possibilidade dessa nova configuração sociocultural, nesse momento ainda embrionária, reafirma a cultura

como um sistema de conhecimento, de troca e de transformação, construído na relação com o outro, e possibilitando novas interpretações do modo de viver de cada povo, ou mesmo de cada indivíduo. Essa conjuntura já começa influenciar e ser influenciada pelo o espaço da aldeia, ao passo que existe um mosaico de influências indígenas e não indígenas desde o arranjo físico-urbanístico até a forma e o emprego de materiais nas edificações.

Nota-se que quando existe um espaço projetado, ou pensado para receber determinada atividade, existe um incentivo para que a mesma aconteça. Por outro lado, sem espaços específicos, algumas atividades também são impossibilitadas de acontecer. Para esclarecer essa questão seguem dois exemplos significativos, o primeiro em espaços mais íntimos e o segundo em espaços coletivos.

A presença do fogo de chão em uma residência convida os moradores e parentes próximos a sentarem em torno desse fogo em dias mais frios. Essa ação incentiva o diálogo, faz com que os mais idosos sintam-se instigados a contar histórias do passado, os mais novos por sua vez, tem a oportunidade de aprender sobre a cultura e provavelmente essa experiência ficará marcada em sua memória afetiva, fazendo com que no futuro sintam vontade de reviver experiências similares, contando histórias aos seus filhos e netos e fazendo com que essa tradição se perpetue. O lugar, ou um componente espacial, como o fogo de chão neste caso, surge como palco dessas interações.

Outro exemplo significativo citado pela comunidade é a importância de um centro cultural para que possam ser realizados eventos para a comunidade indígena e não indígena, a venda de artesanatos e a formação de professores indígenas. Só o fato da comunidade se preparar para receber pessoas de fora da aldeia e mostrar para eles sua cultura, pode gerar na própria comunidade o anseio de conhecer e resgatar aspectos tradicionais. Valores culturais como a língua, as pinturas corporais, a comida típica, passam de coadjuvantes à protagonistas nessas experiências e evidenciam o orgulho de ser indígena.

Nesse sentido, a percepção individual e coletiva se constrói a partir do compromisso de interação com o espaço e não apenas de sua contemplação. O *Behavior setting* se apresenta desenhando a interdependência entre ambiente e comportamento, onde há direta interferência de fatores socioculturais para a conformação do comportamento socioespacial.

Complementaridade, reciprocidade, interação, generosidade e equilíbrio são expressões que fundamentam as relações entre espaço e sociedade. Os espaços podem e devem contribuir de forma significativa nas intenções e práticas culturais na medida em que são pensados com esse propósito e embasados no respeito à diferença. Da mesma forma precisam ser generosos, e suscetíveis às mudanças e adaptações advindas das mudanças nas relações humanas que abraçam.

A sociedade por sua vez, só pode ser pensada como uma estrutura dinâmica, passível de mudanças, onde as tradições são reinventadas, as identidades são deslocadas e construídas de acordo com uma lógica de época. Assim, torna-se necessário o reconhecimento de obras arquitetônicas ou arranjos urbanísticos como forma de representação de um momento social, que respeita também um momento histórico.

Arquitetura, urbanismo, sociedade e cultura se fundem em uma estrutura só, onde as possibilidades de leitura, interpretação e interação são fragmentadas, contraditórias e infinitas, mas é nessa construção complexa que o mundo é construído e habitado. Assim, mesmo que não se tenha nunca um entendimento total dessas relações, todo o esforço em compreender as diferenças para posteriormente intervir, revela um caminho da direção de equilíbrio e reciprocidade.

## 7 REFERÊNCIAS

- AUGE, M. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. Trad. Elcio Fernandes. In: POUTIGNAT, P. ; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade: Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998, pp. 187-227.
- BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BORBA, T. *Atualidade indígena*. Curitiba: Typ e Lytoga Vapor impressora Paranaense, 1908.
- BRIGHENTI, C. A. *Povos Indígenas em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2012.
- BRIGHENTI, C. A. *O movimento indígena no Oeste Catarinense e sua relação com a igreja católica na diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

- CASTRO, E. V. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Brasil: Cosac & Naify, 2002.
- DILL, F. M. Um outro olhar: As relações entre a estrutura social Kaingang e o Espaço arquitetônico da Aldeia kondá. Florianópolis, 2016. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC.
- FUNAI. Índios no Brasil - Quem são? disponível em Fundação Nacional do Índio: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao?start=7,2010>. Acesso em 10 de novembro de 2015.
- GEERTZ, C. *Dilemas de La Cultura: Antropologia, literatura y arte en la perspectiva posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALL, S. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petropolis: Vozes, 2005. pp. 103-133.
- HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IBGE. Tendências Demográficas: Uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.
- IBGE. Características Gerais dos Indígenas: Resultados do Universo. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010.
- JUNIOR, A. G. Estudo Etnográfico sobre Alcoolização entre os Índios Kaingang da Terra Indígena Xaçupé: das Dimensões Construtivas à Perturbação. Florianópolis: UFSC - Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2010.
- KEESING, R. *Theories of Culture*. Annual review of Anthropology, Vol.03, 1974.
- KUPER, A. Cultura, diferença, identidade. In: KUPER, A. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros, Bauru: EDUSC, 2002. pp. 287-318.
- KRESÓ, P. O Kiki permanece. In: TORAL, A.; JAMEN KY MU, EG - textos KAINGÁG. Brasília: APBKG/MEC/PNUD. 1997. pp. 80-87.
- MINAYO, M. C. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 2001
- NIMUENDAJÚ, C. *Etnografia e indigenismo - Sobre os Kaingang, os Afaié-Xavante e os Índios do Perú*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- RAPOPORT, A. Hechos y Modelos. In: BROADBENT, G. *Metodologia del Diseño Arquitectonico*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1971. pp. 297-323.
- RHEINGHANTZ, P. A. et all. *Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.
- SANOFF, H. *Visual research methods in design*. Nova York : Van Nostrand Reinhold, 1991.
- SILVA, L. A. A história Kaingang através do Ritual do Kiki. *Santa Catarina em História*, 11-23. 2011.
- TYLOR, E. *Primitive Culture*. Londres: John Mursay & Co, 1958.
- THEODORSON, G. A.; THEODORSON, A. G. *A modern dictionary of Sociology*. London: Methuen, 1970.
- TOMMASINO, K. Algumas considerações acerca das exposições proferidas pelos representantes dos povos indígenas no Simpósio "As cidades e os povos indígenas: Mitologias e Visões. In: MOTA, L. T. *As cidades e os povos indígenas: Mitologias e Visões*. Maringá: EDUEM, 2000.
- TOMMASINO, K. Território e territorialidade Kaingang. Resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. In: MOTA, L. T.; NOELLI, F. S.; TOMMASINO, E. K.. *Uri e Wãxi - Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: UEL, 2000. pp. 191-226.
- TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- UNWIN, S. *A análise da arquitetura*. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

## NOTAS

<sup>1</sup> Para Barth , 'na medida em que os atores sociais usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com o objetivo de interação, eles formam grupos étnicos" (BARTH F. , 1998, p. 194).

<sup>2</sup> Na Terra indígena Chapecó, localizada da região oeste do estado de Santa Catarina, os Kaingang participaram do processo de projeto da Escola indígena, que foi construída com base nas formas orientadas pela comunidade.

**NOTA DO EDITOR (\*)** O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).